



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

AS VÁRIAS FACES DO FICAR

Hayat Passos Ferraz Pinheiro

Valéria Viana Sousa

RESUMO

O objetivo deste trabalho é reconhecer e classificar as várias acepções do verbo *ficar* encontradas no *Corpus* do Português Culto e *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista. Com esse propósito, foi necessário, primeiramente, remetermo-nos ao percurso histórico, definições e características da Sociolinguística e do Funcionalismo (perspectiva teórica norteadora nas nossas análises e reflexões apresentadas neste trabalho). Posteriormente, foram selecionados dois informantes de cada *Corpus*, pertencentes à mesma faixa etária para que fosse realizada a análise dos dados. Os resultados obtidos nas análises apontaram para a natureza polissêmica do *ficar*, já que constatamos a existência de sete acepções do item linguístico em questão que foram divididas entre três grupos de sentido. Grupo de sentidos 1 (indica a ideia de permanência: o espaço; tempo; domínios mais abstratos). Grupo de sentido 2 (indica mudança de estado). Grupo de sentidos 3 (aponta para a ideia de namorar sem compromisso; namoro de curta duração). A partir da análise dos dados, foi possível identificar também que as acepções do verbo *ficar* compartilham traços de sentido que as interligam, indicando a existência de ocorrências mais ou menos gramaticalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo, gramaticalização, verbo *ficar*.

INTRODUÇÃO

O Funcionalismo, que possui raízes no Círculo Linguístico de Praga, é uma corrente teórica que concebe a linguagem como uma estrutura maleável, um instrumento de interação social. Nesse sentido, o Funcionalismo busca integrar os níveis sintático, semântico e pragmático e vê-los como níveis interdependentes, considerando, então, as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso no estudo da sintaxe.



FORMALISMO X FUNCIONALISMO

O Formalismo é um modelo teórico que se caracteriza por analisar a língua como objeto autônomo. Dessa forma, nessa corrente teórica, o uso da língua em situações comunicativas reais é desconsiderado. De acordo com a concepção formalista, a língua possui um caráter abstrato e estático, cuja função principal é expressar o pensamento (MATELOTTA; AREAS, 2003).

Este modelo teórico foi adotado por linguistas da Escola de Copenhague e, também, teve forte expressão no descritivismo americano, mas possuiu mais notoriedade através da aplicação nos modelos Gerativistas (muitos em voga até hoje).

Já o Funcionalismo, modelo teórico que se contrapõe ao Formalismo, caracteriza-se por uma concepção de língua como instrumento de comunicação/interação, que não pode ser analisado como objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita às pressões comunicativas, que ajudam a determinar a sua estrutura gramatical.

O polo funcionalista esteve presente em algumas escolas pós-saussurianas, como: A Escola de Genebra (Charles Bally, Albert Sechehaye e Henry Frei), o Círculo Linguístico de Praga (Jakobson, Trubetzkoy) e, posteriormente, nas Escolas de Londres (Halliday).

Este modelo teórico propõe a não-separação entre dois aspectos da linguagem: língua e fala; destacando a importância do contexto social para compreensão da natureza das línguas.

Dessa forma, enquanto o Formalismo considera a língua como: “unidade encerrada em si mesma” (Hjelmslev, 1975, p.03), o Funcionalismo concebe a língua como instrumento de comunicação social, que deve ser estudado dentro do quadro de uso, de acordo com sua função.

Neste trabalho, adotamos a perspectiva funcionalista da linguagem, por considerá-la a mais adequada para a análise do objeto de estudo em questão.



SOCIOLINGUÍSTICA

A definição e caracterização da Sociolinguística foram estabelecidas por William Bright, em 1966, através da publicação de trabalhos apresentados em um Congresso realizado na Universidade da Califórnia (UCLA), dois anos antes. De acordo com Bright, em um texto denominado “As dimensões da Sociolinguística”, o objetivo da Sociolinguística é: apontar a ocorrência das variações linguística e social no interior do sistema linguístico. Ou seja, relacionar as variedades linguísticas com as diferenças na estrutura social de determinada comunidade.

. Segundo autor, o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística. Partindo desse pressuposto, Bright elenca uma série de variáveis: *identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ouvinte, o contexto social e as atitudes linguísticas*.

É importante ressaltar que a Sociolinguística, enquanto campo de estudo, surgiu no auge do uso dos modelos Gerativistas que são baseados no paradigma formalista e o paradigma formalista concebe a língua como objeto autônomo, como mencionamos na seção anterior. Em contrapartida, a Sociolinguística, que possui uma origem multidisciplinar, tendo raízes nas Ciências Sociais e na Antropologia Linguística (Edward Sapir e Benjamim L. Whorf), se constitui como uma adepta às perspectivas da corrente funcionalista.

No entanto, é interessante apontar que muitos pesquisadores, anteriores à Bright lançaram pesquisas que relacionavam a linguagem com aspectos de ordem social e cultural. A título de exemplo, citamos Hymes que, em 1962, apresentou estudos sobre a Etnografia da fala.

Contudo, coube a William Labov, em 1963, com a publicação do conhecido trabalho sobre a comunidade da Ilha de Matha’s Vineyard (trabalho no qual o pesquisador visou descrever as variedades linguísticas observadas nesta comunidade de fala) e, em 1964, quando Labov fixou o modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas (Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação), o grande reconhecimento e propagação da Sociolinguística.

Em resumo, considerando o histórico precedente ao surgimento da respectiva área de estudo, podemos dizer que conhecimentos e estudiosos de várias áreas contribuíram para o estabelecimento da Sociolinguística, que neste momento, visava o estudo das implicações teóricas e práticas do fenômeno linguístico na sociedade norte-americana da época. A partir de então, nos estudos linguísticos, estaria sendo observada a correlação entre as variáveis linguísticas e as variáveis sociais.

De uma maneira geral, as variedades linguísticas são descritas a partir de dois parâmetros básicos, a que nos ateremos no presente trabalho, a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática), mas, ainda, podemos citar a variação diacrônica (no tempo), a variação diamésica (na modalidade) e a variação diafásica (no estilo)

A variação geográfica (ou diatópica) tem relação com as diferenças linguísticas, no espaço físico, observadas entre falantes de origem diferente. Já a variação social (ou diastrática) está relacionada com um conjunto de fatores de ordem identitária dos falantes em determinada comunidade e com a sua organização sociocultural. Para que se possa observar a variação social, alguns fatores devem ser considerados, tais como: idade, sexo, situação e contexto social.

É importante, ainda, salientar que, embora todas as variedades devam ser reconhecidas e respeitadas como legítimas, as variedades linguísticas influenciam diretamente nas relações em sociedade, relacionada a elas e, assim, há sempre uma ordem de caráter valorativo, que está diretamente ligada aos aspectos sociais e econômicos. Esses aspectos refletem no julgamento das variedades existentes em uma comunidade como superiores ou inferiores.

Foi com intuito de reconhecer essas variedades e diversidade linguística, que a Sociolinguística se firmou como campo de estudo (no início dos anos 60) dando a diversidade caráter técnico-metodológico e buscando explicitar os princípios internos e externos que regem a variação.



FUNCIONALISMO

O Funcionalismo possui raízes no Círculo Linguístico de Praga(C.L.P.). O que caracterizou a análise dos linguistas do C.L.P. foi a adoção de uma visão teleológica de *função*. De acordo com essa visão, a língua deve ser entendida como um sistema funcional sem um único fim em que a intenção do locutor deve ser considerada.

Nos Estados Unidos, segundo Martelotta (2003),o termo ganhou força na década de 1970, a partir dos trabalhos de linguísticas como: Sandra Thompson, Paul Hopper e TalmyGivón. Estes estudiosos defendiam uma linguística baseada no uso, considerando contexto e situação extralinguística.

Já o primeiro texto que representou a escola funcionalista na América foi: “The origins of syntax in discourse: a case study of TokPisin relatives” (GILLIAN SANKOFF E PENELOPE BROWN, 1976). Nesse texto, Sankoff e Brown fornecem evidências discursivas geradoras das estruturas sintáticas de relativização do TokPisin, língua de origem pidgin de Papua-Nova Guiné, ilha ao norte da Austrália.(MARTELOTTA,2003)

Tanto os pressupostos linguísticos do Círculo Linguísticos de Praga, quanto os norte-americanos dos anos 1970, construíram a abordagem funcionalista contemporânea. Esta abordagem concebe a linguagem como instrumento de interação social em que o instrumento de investigação vai muito além da sintaxe. Nesse sentido, o Funcionalismo busca integrar os níveis sintático, semântico e pragmático e vê-los como níveis interdependentes, considerando, então, as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso no estudo da sintaxe.

Já estabelecido o percurso histórico para a formação do Funcionalismo, é indispensável, agora, que se estabeleçam os princípios que norteiam essa corrente teórica. O primeiro princípio que abordaremos é da Iconicidade que, de acordo com Cunha, Costa e Cezário (2003, p. 29-30) pode ser “[...] definida como a correlação natural entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e sua *disignatum* (conteúdo).”



É sabido que as primeiras discussões referentes à motivação do signo linguístico remontam à Antiguidade com a oposição entre convencionalistas e naturalistas. No século XX, com Saussure, essas discussões foram retomadas e o mestre genebrino adotou a concepção convencionalista, que defende que o signo é arbitrário, ou seja, não existe correspondência entre significante e significado.

Posteriormente, em meados do século XX, entretanto, essa posição foi questionada pelo filósofo Pierce, que discordava parcialmente da ideia de arbitrariedade do signo e, partindo disso, o filósofo estabeleceu dois tipos de iconicidade: a imagética e a diagramática. A imagética estaria voltada para a motivação do signo, já a diagramática, não pressupunha intersemelhança entre conceito e imagem acústica.

Para a corrente funcionalista, então, a defesa é de que a língua não seja um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados. Nesse sentido, nesta teoria, os pesquisadores adotam o princípio da iconicidade branda “que permite uma investigação detalhada das condições que governam o uso dos recursos de codificação morfossintática da língua” (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, p. 34) e, muitas vezes, associam a noção de arbitrariedade do signo ao desconhecimento da história do item linguístico.

A investigação é realizada a partir de três princípios da iconicidade em sua versão branda. São eles: O subprincípio da quantidade, integração e ordenação linear.

No subprincípio da quantidade, de acordo com (CUNHA, 2003, p. 32) está pressuposto que: “aquilo que é mais simples e esperado expressa-se com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo” (Slobin, 1980 apud CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2003, p. 32); no subprincípio da integração, por sua vez, está previsto que o que está mentalmente junto cola-se sintaticamente junto. E, por fim, no subprincípio da ordenação linear, é demonstrado que o que é considerado mais importante pelo falante tende a vir primeiro no sintagma, isso indica uma ordenação baseada na ordem de importância.

No fim, além do princípio da iconicidade, existe também, no Funcionalismo, o princípio da marcação que estabelece os critérios para a identificação de estruturas marcadas e não-marcadas, são eles: o critério da complexidade estrutural, da distribuição de frequência e da complexidade cognitiva. Porém, é importante também

ressaltar que “a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos.” (Givon, 1995 apud CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2003, p.34).

Realizada essa sucinta abordagem teórica sobre os principais pressupostos das duas fundamentações que guiarão a nossa pesquisa, passaremos, na próxima seção “Discussão e Análise de dados”, a apresentar a metodologia utilizada para a realização do trabalho. A partir da metodologia adotada, foi possível reconhecer as diferentes acepções do *ficar* e separá-las em três grupos de sentido para realizar a análise dos dados e refletir sobre os resultados obtidos.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

A Metodologia utilizada, para a realização do trabalho, consistiu em verificar as diferentes acepções do verbo *ficar* encontradas em alguns registros no *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e, também, no *Corpus* do Português Culto. Para isso, foram selecionados 4 informantes, dois falantes (um do sexo feminino e um do masculino) do Português Culto e dois falantes (um do sexo feminino e um do masculino) do Português Popular, todos pertencentes à Faixa Etária II (de 26 a 50 anos de idade).

As acepções encontradas podem ser examinadas a partir do quando a seguir:

GRUPOS DE SENTIDOS	CARACTERÍSTICAS DO GRUPO	ACEPÇÕES
	<p>Indica a ideia de permanência.</p> <p>a) No espaço com valor essencialmente de verbo estático.</p>	<p>Acepção1. Estacionar (em algum lugar); não sair dele; permanecer.</p> <p>(1) a gente teve que sair da casa, <i>fica</i> na rua, até a chuva passar (DFP)</p> <p>Acepção2. Estar situado</p> <p>(2) Mais parece que o pior pedacinho é essa baxa aqui,</p>

	<p>b) No tempo;</p> <p>(c) Em relação a domínios mais abstratos.</p>	<p>tudo de ruim só ficou nessa baixa aqui (MJPS)</p> <p>Acepção 3. Restar, sobrar</p> <p>(3) ó ficava os filho0 e o meu pai. Meu pai agente nem contava com ele, que ele bibia, o dinheiro que ele pegava ele bibia, então foi muito sofrido (MJPS)</p> <p>Acepção 4. Permanecer por algum tempo</p> <p>(4) <i>fiquei</i> a quinta série todinha namorando com ele, a sexta série todinha namorando com ele depois ele.. a gente se ... (DFP)</p> <p>Acepção 5. Permanecer ou continuar em determinada disposição de espírito ou situação.</p> <p>(5) só que meu cabelo não crescia pra baixo, ele crescia pra cima, aí ficava aquela coisa... aí eu me lembro uma vez que...(DFP)</p>
2	Indica mudança de estado. Pode apresentar o valor de tornar-se, vir a estar em determinado estado ou situação.	<p>Acepção 6.</p> <p>(6) depois que eu fiquei evangélica, mim interessei mais por causa da palavra do Senhor, que meu maior sonho é ler corretamente (MJPS)</p>
3	Novo sentido, seu uso significa: Namorar sem compromisso, durante um curto espaço de tempo (às vezes, por uma noite)	<p>Acepção 7.</p> <p>(7) Aaah devia tê... uns sete anos. Sete anos. E eu me lembro que eu me <i>apaxonei</i>, eu ficava.... que eu já... eu sempre fui precoce <i>pras coisa</i>(DFP)</p>

Detalharemos, a seguir, as diferenças entre os grupos de sentidos mencionados no quadro.



a) Grupo de sentidos 1:

No grupo de sentidos 1, há a apresentação da ideia de permanência, ou seja, a ideia veiculada é de *permanecer em um determinado espaço físico, estar situado*. Os desdobramentos contidos em (b) e (c) são extensões metafóricas do sentido primeiro (a). Dessa forma, as acepções de do grupo 1 partem de uma perspectiva de *ficar* no sentido concreto (espaço) para domínios mais abstratos como tempo e outros menos específicos.

Com relação ao conceito de extensão metafórica, é importante rememorar alguns pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva para que se possa compreender melhor o seu funcionamento.

Segundo Lakoff e Turner (1989, p. 110):

A metáfora é uma figura de linguagem que compara seletivamente destacando as qualidades de um sujeito consideradas importantes para aquele que a usa. Para eles, a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes fazendo, assim, com que percebamos novos caminhos para a compreensão do sujeito. A metáfora é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato e uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos.

Vejamos alguns exemplos dos níveis (a), (b) e (c).

(8) e aí meu pai ia pra São Paulo e a gente ficava lá no interior e a gente morava numa casa também conjugada (DFP) (espaço)

(9) Logo quando cheguei aqui assim, já mudei, já entrei na Novo Horizonte. Fiquei só dois mês fora daqui (JCS) (tempo)

(10) fica aquela coisa leve, suavi que cê comi que cê nem senti, cê comi mais de um, comi dois; eu sei que gente que levo viu? (MJPS) (domínios mais abstratos)

Podemos perceber que, no fragmento (8), o informante DFP menciona o deslocamento do pai e a condição de permanência dele e de sua família numa casa, avaliada por ele como conjugada. O verbo *ficar*, nesse excerto de fala, apresenta o valor de permanência em um determinado lugar concreto, nesse

exemplo, a casa. Já, na ocorrência (9), o verbo *ficar*, embora ainda esteja trazendo a ideia de permanecer, não faz mais referência a um determinado espaço e à condição de concreto como o exemplo anterior, mascarrega o valor de permanência por um determinado tempo. E, no enunciado (10), o verbo *ficar*, em um processo de rigidez semântica menor do que o apresentado nos exemplos anteriores, veicula o sentido de *ficar*, mas associado a algo mais abstrato como “fica aquela coisa leve”.

É válido ressaltar que, embora em todas as ocorrências, o sentido do verbo *ficar* seja o de permanecer, o uso se faz de forma diferenciada e caminha em uma direção do mais concreto para o mais abstrato e do espaço>tempo>processo.

Grupo de sentidos 2 (Verbo de processo).

No grupo de sentidos 2, o verbo *ficar* veicula a aceção de *tornar-se, vir a estar em determinado estado ou situação*. Esse grupo indica, portanto, uma mudança de estado, como pode ser observado no exemplo abaixo:

(11) ININT, uns dois mil ficava bom, até eu ficar mais folgado***** um pouquinho né? (risos). Tá muito pouco. (JCS)

É importante observar que, nesse contexto, o verbo *ficar*, por indicar uma mudança de estado, está diretamente ligado com o sentido resultativo, de acordo com a percepção de Travaglia (1994) para quem a noção de resultatividade nãoaspectual está geralmente ligada ao aspecto verbal que, em outros valores, indica o estado resultante de uma situação dinâmica que ainda não se concluiu.

Outro aspecto passível de observação com relação ao verbo *ficar*, no sentido de mudança de estado, foi que este só pode ocorrer combinado a um atributo, caracterizando-se, assim, como verbo relacional, como nos exemplos que seguem:

(12) Agora essas viagens pra ôtro país assim eh... num tem choque cultural, a barrêra da língua? Com'é que é que faz? Porque eu tenho vontade de viajá pra fora, assim e eu fico preocupado com essas coisas (PARC)

(13) Não... não chega a passá tanta vergonha porque aí eu evito, né? Mas se tivé uma pessoa conhecida do meu lado, aí eu fico inibido de arriscá, entendeu? (PARC)

Podemos observar que, no excerto (12), o falante utiliza o *ficar* para indicar uma mudança de estado decorrente de uma situação anterior. Assim, PARC demonstra a preocupação com relação a viagens ao exterior, pois pode enfrentar questões como:

***** “Ficar mais folgado” aqui está no sentido de despreocupado com algo, ou alguma coisa.

“choque cultural, a barrêra da língua”. O verbo *ficar*, nesse contexto, possui a função de verbo relacional, já que o sentido está no predicativo: “preocupado”.

No excerto (12) o *ficar* também indica uma mudança de estado e pode ser caracterizado como verbo relacional, mas, nesse contexto, está combinado a outro predicativo: “inibido”.

(c) Grupo de sentidos 3.

No grupo 3, há arevelação de uma acepção de sentido relativamente nova no português brasileiro, o item linguístico *ficar* possui uma função diferente das demais, pois indica um relacionamento de curta duração (namorar sem compromisso), como exemplificado a seguir:

(14) Aaah devia tê... uns sete anos. Sete anos. E eu me lembro que eu me *apaxonei*, eu ficava.... que eu já... eu sempre fui precoce *pras coisa* (DFP)

A nosso ver, o falante optou por utilizar a expressão nesse sentido, pois o sentido do verbo *namorar* não carrega o sentido desejado e, assim, o *ficar*, nesse contexto, cria uma expectativa de término de estado, o que é perfeito para se expressar a ideia de menor compromisso e curta duração.

É interessante perceber que, no verbo *ficar*, há a ideia presente e persistente do permanecer por um dado período. Contudo, como observamos acima, nessa acepção mais contemporânea, o tempo de permanência é reduzido e, curiosamente, é esse o motivo de esse verbo ser escolhido diante de outras opções que são oferecidas no léxico da Língua Portuguesa, a exemplo de namorar.

CONCLUSÕES

A análise do item linguístico em questão: *ficar* permitiu-nos identificar e comprovar a essencialidade da natureza polissêmica do verbo. Foram encontradas 75 ocorrências no *Corpus* do Português Popular e no *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista, partindo do registro dos 4 informantes escolhidos. A partir dos registros encontrados, buscamos estabelecer critérios para classificar as sete acepções



identificadas no *corpus*. Essas acepções foram colocadas em três grupos de sentido: Grupo 1: Indicava a ideia de permanência (espaço; tempo; domínios mais abstratos) Grupo 2: Indicava a ideia de mudança de estado e Grupo 3: Apontava para a ideia de namoro de curto prazo; sem compromisso).

Após a classificação e análise dos dados, foi possível comprovar que, em maior ou menor grau, as acepções do verbo ficar se relacionam através da semelhança por familiaridade, ou seja, as estruturas compartilham traços de sentido que as interligam, indicando a existência de ocorrências mais ou menos gramaticalizadas.

Ressaltamos, especialmente aqui, a importância da escolha do viés funcionalista na análise realizada neste trabalho, visto que esta adota uma concepção de linguagem de acordo com a perspectiva de inter-relação dos níveis sintático, semântico e pragmático e de linguagem como estrutura maleável.

Em momento oportuno, daremos continuidade a essa pesquisa, ampliando o número de entrevistas e, conseqüentemente, pesquisando as outras faixas etárias.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Positivo, 2004.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela R. e MARTELOTTA, Mário E. (orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Faperj/DP & A, 2003.

NEPOMUCENO, Arlete R; MUNIZ, Maria Ieda A; **Formalismo e Funcionalismo**. Interletras [Internet] [citado 2015 maio 14]. Disponível em:http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n10/edicao/vol10/artigos/04.pf

RIBEIRO, Rosa Maria P. A expansão dos sentidos do verbo ficar e os mecanismos responsáveis pela organização cognitiva de suas significações. In: **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. volume II, número VIII, jan. 2004 <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/437/429>>.

Data de acesso: 13/05/15.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-04.html>> Acesso em: 12/05/15.